



DISSIDÊNCIAS ERÓTICAS: SEXO E PODER NO SÉCULO XVIII

Rafael Venâncio¹; Maria Bernardete da Nóbrega²; Hermano de França Rodrigues³

¹ Universidade Federal da Paraíba, e-mail: venanciorafaelecritor@gmail.com

² Universidade Federal da Paraíba, e-mail: bernobre2009@hotmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, e-mail: hermanorg@gmail.com

RESUMO: Nas obras de ficção, ao longo da história do Ocidente, a figura da prostituta é marcada por uma sensualidade libertina e insaciável ou, no imaginário romântico, como ser ingênuo, desafortunado e, sobretudo, infeliz. Independentemente do prisma ou concepção que se faça acerca da meretriz, ela é vista como sujeito *imundo* pelo fato de entregar seu corpo aos caprichos de um provável cliente, mediante uma quantia negociada. Esta atitude evidencia sua insurreição aos valores e protocolos judaicos cristãos, sobre os quais se erguem as sociedades ocidentais. Mas, quando, em um dado momento, uma obra procura unificar estes dois pontos de vistas, o resultado é (re)encontrarmos nesta narrativa algo mais do que, simplesmente, preconceitos inerentes das interdições a que somos submetidos pelos ditames da cultura. É o caso do romance escrito e publicado pelo inglês John Cleland em 1749, intitulado *Fanny Hill ou Memórias de uma mulher de prazer*, onde a personagem central conta, de maneira epistolar, sua vida como uma mulher proscrita, na qual, descobriu o prazer de ceder às pulsões mais primitivas do seu desejo, ao mesmo tempo em que era, inevitavelmente, arrastada ao submundo dos bordéis que, em certos momentos da narrativa, passou a frequentar. Neste sentido, nossa pesquisa numa interface entre os estudos de BAKHTIN (2011) e a literatura libertina, alinhada aos pressupostos teóricos de BATAILLE (1987) e às contribuições históricas de ROBERTS (1998) e BASSERMANN (1968) pretende analisar a protagonista desta história, buscando desvendar qual a imagem externa apreendida pela personagem principal da narrativa em foco.

Palavras-chave: Corpo, Desejo, Prostituição, Imagem.

INTRODUÇÃO

Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer é um romance setecentista da literatura inglesa, escrito por John Cleland, em 1749, no apogeu do século das luzes. O romance, caracteristicamente epistolar, narra para uma destinatária, cuja única identificação

é o pronome de tratamento senhora, as aventuras eróticas de uma cortesã dos 17 até os seus 19 anos de idade. O detalhamento da abordagem, naturalmente pornográfica, polemizou e escandalizou a sociedade burguesa e aristocrata da época, motivo pelo qual Cleland foi preso, obrigado a abjurar a



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

própria obra e publicar, no ano seguinte, uma versão expurgada da original, sem sucesso, evidentemente. Cleland escreveu outros livros e peças, nenhuma delas sequer conhecidas pelo público, de maneira que o escritor morreu na pobreza.

Mas, *Fanny Hill* (1749) ultrapassou as barreiras do tempo se consagrando como um *best-seller* da literatura libertina. Neste sentido, sobre sua narradora-personagem, recaem as ambivalências de uma imagem externa, repleta de sexualidade, o que, por sua vez, nos faz pensar como esta imagem foi (re)criada e transmitida nesta história. É bem verdade que a sociedade setecentista inglesa é marcada pelos questionamentos das antigas doutrinas cristianizadas da Idade Média, mas, de forma alguma isso trouxe significativa melhora na posição da mulher, que permaneceu subordinada ao poder de um masculino que visava, sobretudo, ascensão e riqueza. Com as novas configurações na economia, os burgueses ganhavam mais espaço, no âmbito social, e pretendiam aumentar suas influências no meio capitalista, em detrimento da pomposa aristocracia, cujos pilares iam se desintegrando à medida que o Antigo Regime se enfraquecia. À mulher restava um lugar inferior em meio à reprodução destes ideais burgueses a partir da instituição familiar. Pensadores como Jacques Rousseau (1712- 1778) fizeram

questão de enfatizar a função da *mulher respeitável*, onde a maternidade era o seu ofício original e razão pela qual nascera.

Neste caso, quem era e, principalmente, que função teria a prostituta neste contexto? Como a protagonista de Cleland conseguiu se manter neste momento de sua vida? Que *imagem* ela assumiu e quais foram as consequências desta adoção? Eis as problematizações que buscaremos trazer à tona neste trabalho. Para isso, dividiremos nossa abordagem em três momentos que se completam e expandem nossa argumentação: no primeiro momento, abordaremos o contexto sócio-histórico em que a própria personagem está inserida, e, neste espaço, procuraremos entender a posição da cortesã e o florescimento dos bordéis.

No segundo momento, recorreremos aos pressupostos teóricos de base batailliana, a fim de que possamos desmitificar a ideia pré-concebida acerca da pornografia e do erotismo, o que se faz necessário uma vez que, respeitando os estilos de cada leitor e não querendo generalizar, a pornografia é encarada com desprezo e, algumas vezes, repulsiva de modo que os lugares em que ela tem aparição podem ser tão desprezados na literatura quanto em outros meios menos formais de transmissão, a saber, portais de vídeos ou revistas.



Finalmente, no terceiro momento, faremos uma análise da personagem principal da narrativa em foco para compreender à luz da teoria bakhtiniana como e de que forma a *imagem externa* (Bakhtin, 2011) constituída de prostituta foi, ideologicamente, (re)construída e assimilada por Fanny.

1. A mulher na Inglaterra setecentista

O séc. XVIII foi o período em que se constituíram, pela Europa, as revoluções que buscavam por termo às estruturas do Antigo Regime medieval, onde, ante o poder de uma aristocracia decadente, os revolucionários criavam meios de se rebelar contra o seu domínio. É o caso da Revolução Francesa, ocorrida a partir de 1789, que ambicionava, sobretudo, a democracia, na qual o povo teria o direito de escolher seus próprios representantes, o que, conseqüentemente, destronou a monarquia absolutista, na pessoa de seu rei, Carlos XVI e sua esposa, a rainha Maria Antonieta.

Neste sentido, a Igreja Católica também sofreu com as mudanças, pois os pensadores iluministas desprezavam e se recusavam a confiar plenamente nos argumentos da instituição acerca da origem do mundo, bem como das estruturas sociais. Os iluministas acreditavam que tais explicações se poderiam obter a partir da Razão. Em uma atmosfera,

portanto, de contestação às antigas hierarquias sociais criou-se o ambiente propício para a ascensão do Romantismo, cuja principal característica era ser um meio de transgressão contra os antigos costumes.

É evidente que estes movimentos não teriam tanta força se não fossem apoiados e alimentados pela nova classe em ascensão, a burguesia, composta de ricos comerciantes que viam na economia livre do mercado a maneira de obter, a preço de ouro e através do trabalho de seus criados, a elevação social de que precisavam a fim de se consolidarem como a nova e firme opção para os novos tempos. Com este propósito, a nova classe em constante ascensão tomou como espaço de reprodução da ideologia dominante a instituição familiar, na qual, a moral e os bons costumes eram resguardados¹. Entre os pensadores que defendiam esta concepção, segundo Roberts (1998), destaca-se o suíço Jean-Jacques Rousseau para quem as mulheres tinham uma carreira (grifo nosso) definida: a de se tornarem mães, e, nesta continuidade, a educação dos filhos seria responsabilidade delas e, desta maneira, a ideologia burguesa continuaria seu ciclo

¹ Ao contrário da nobreza, cuja conduta moral era antagônica à ideologia burguesa de moral uma vez que os ricos nobres viviam em uma profunda exploração dos prazeres sexuais que o dinheiro poderia comprar, comprometendo a própria linhagem de sucessão de seus títulos e riquezas, ao passo que a burguesia buscava se perpetuar resguardando a moral, por meio de um casamento que pudesse legitimar as concepções advindas destas uniões.



disseminador, criando-se um decurso interrompido de poder social, político e econômico.²

Se, diante das concepções iluministas, as mulheres nasceram unicamente para procriar, que se dirá, portanto, daquelas que, ou por opção ou arrastadas pelas circunstâncias da vida se colocavam no mundo da prostituição, cujo fim inevitável não era contribuir para a continuidade do ciclo burguês? Roberts responde a esta inquirição:

Do ponto de vista da prostituta, a história era depressivamente familiar. Por um lado, quanto maior a idealização da esposa e mãe, mais vilipendiada a prostituta. Por outro, a prostituta permanecia mais essencial que nunca à sociedade – como o acessório à família que permitia aos homens evitar praticar a abstinência sexual que eles pregavam. [...] (ROBERTS, 1998, p. 18)

Para ambas as classes, acrescentemos, a prostituta era essencial uma vez que, neste contexto, a nobreza também usufruiu dos serviços prestados pelas profissionais do sexo e, na Inglaterra do séc. XVIII,

² Interessante notar que a burguesia se colocava em antagonismo com a aristocracia, no entanto, em seu interior, dava continuidade aos princípios patriarcais que construíram as antigas sociedades: a posição de submissão da mulher e sua função, bem como, os interesses financeiros por trás das uniões matrimoniais.

especificamente, a prostituição se difundiu em múltiplas e diversas facetas. Os bordéis se especializaram no oferecimento dos seus préstimos logo que o Estado Puritano³ perdeu seu poder e influência diante da nobreza inglesa de modo que moradores de Madri e Roma, ainda com a ascensão da Igreja continuariam se entregando “[...] ao prazer mal velado das novidades imaginadas por geniais proprietárias de bordéis” (BASSERMANN, 1968, p. 179).

Sob o reinado de Jorge III (1738-1820), as casas de prazer tornaram-se sólidas, fazendo parte do destino parcial do orçamento de qualquer jovem e solteiro. Garton reforça esta assertiva quando nos informa que o que se esperava de um homem de alta posição social era que tivesse “[...] muitas amantes e gerassem numerosos bastardos, que sofriam alguma desconsideração social em consequência de sua ilegitimidade” (GARTON, 2009, p. 145).

Estas mulheres, que compunham o arsenal de alguma madame⁴, procediam, em sua grande maioria da classe trabalhadora, para quem a reforma econômica burguesa foi-

³ Por causa da Reforma Protestante, liderada pelo rei Henrique VIII, as prostitutas sofreram sérias perseguições para que renunciassem ao seu desonroso procedimento, apesar de haver interesses bem mais prementes por parte do monarca. Com o domínio de Carlos II (1660-1685), a monarquia foi restaurada.

⁴ Madame era o pronome de tratamento que se dava as proprietárias dos ricos bordéis da corte européia.



lhes prejudicial: expulsos das terras onde habitavam, os camponeses migraram para a cidade, que não podia lhes dar assistência em suas necessidades básicas uma vez que às vésperas da Revolução Industrial, as condições de trabalho eram desumanas e, mesmo assim, as famílias se submetiam a elas para que pudessem sobreviver. Mas, como não havia trabalho o suficiente⁵, uma enorme onda de crimes se fez e, entre roubos e assassinatos, e, nas esquinas mais escuras ou sujas, muitas das mulheres da classe trabalhadora se prostituíam para garantir a sua sobrevivência.

Àquelas, no entanto, a quem coubesse à sorte de ser levada a uma casa de prazer, caberia obter os melhores clientes, nobres ou burgueses, que pudessem gastar deveras para ter as excentricidades atendidas. Neste contexto, cabia à madame arranjar-lhes virgens que pudessem deflorar; prostitutas dispostas a ter relações sadomasoquistas e garotas venais que não se importassem em jogar cartas com velhos viúvos ou solitários (ROBERTS, 1998, p. 194).

Outra opção para estas mulheres, caso tivesse a sorte de ocorrer, era tornarem-se concubinas de jovens nobres que as sustentariam, abrigando-as em um pequeno quarto de pensão ou grandes casas, a depender

⁵ Para as mulheres, especificamente, de criadas em casa de burgueses dispostos a contratá-las.

do quanto os rapazes estariam dispostos a gastar com suas teúda e manteúdas⁶. Roberts nos afirma que isto era bem mais do que possível:

[...] Frequentemente uma moça pobre, porém inteligente e obstinada, que teve o seu aprendizado em um bordel, podia depois se tornar a amante de algum cliente regular favorito – à la Fanny Hill.[...] (ROBERTS, 1998, p. 203)

Este, portanto, é o contexto onde a heroína de Cleland (2006) está colocada: de pobre menina camponesa, obrigada a ir embora de sua cidade natal à prostituta obstinada e concubina rica devido a sua beleza e seus atrativos físicos.

2. Literatura libertina: erotismo e pornografia

A literatura libertina do séc. XVIII se difundiu rapidamente entre os ingleses iluministas, cujas ideias, conforme Garton (2009, p. 146) aponta, versavam sobre o enaltecimento de “Natureza, o prazer e a paixão como fontes de moralidade e guias de condutas para a vida.” O crescimento, portanto, de um acervo de obras obscenas constituíam a clara subversão ao dogmatismo da Igreja Católica no que diz respeito à

⁶ Expressão portuguesa arcaica que quer dizer *tida e mantida* na contemporaneidade.



relação sexual, tida como necessária somente à reprodução. Os libertinos intentavam encontrar formas outras de vivenciar o seu desejo no próprio corpo, valendo-se de maneiras diferentes para obterem a satisfação. O que unifica estas obras num mesmo gênero é o desejo expresso da violação dos interditos que foram, por séculos, estabelecidos quanto à sexualidade que, somente com as ideias contestadoras do Iluminismo, foi possível ultrapassar. Temos, dessa forma, nesta literatura, as cifras do erotismo, conforme Bataille (1987) o concebe: como uma infinita descontinuidade do sujeito que procura suprimi-la por meio da violação dos interditos instituídos pela sociedade⁷. Assim, o filósofo elucida que esta descontinuidade se refere à insatisfação do ser humano por causa de sua incompletude sendo esta sensação a chave para se compreender o erotismo, cuja busca psicológica não está ligada à reprodução, mas somente ao prazer egoísta.

Considerando estas informações, o mais proeminente dos representantes deste momento é o marquês de Sade (2006), cujas obras, de um profundo teor sexual empenhavam-se, através de métodos

⁷ Referimo-nos, especificamente, a Inglaterra do séc. XVIII: não nos esqueçamos de que, mesmo sob contestação, a Igreja não abria mão de seus dogmas concernentes a sexualidade e a reprodução.

extremos, obter as sensações corporais na escrita de um sexo ousado.⁸

Neste sentido, *Fanny Hill* faz parte do itinerário de literatura libertina, conforme afirmamos na introdução deste trabalho: Fanny é uma pobre camponesa, que se vê forçada, após a morte de seus pais, a se dirigir, junto com a conselheira Ester Davis, para a cidade de Londres, e, lá chegando, é entregue a própria sorte pela assistente que, somente, lhe faz recomendações de que procure um trabalho como criada em casa de uma família abastada que a quisesse contratar. Decidida, a garota vai até uma agência em busca de emprego, sendo, nesta ocasião, abordada por uma senhora que se interessa desde o primeiro momento por sua beleza:

Ela me encarava como se fosse devorar-me com os olhos, avaliando-me dos pés à cabeça, sem o menor constrangimento pela confusão e o rubor que ser olhada tão fixamente me causavam e que eram para ela, sem dúvida, as mais fortes recomendações e os melhores sinais de que eu era adequada aos seus propósitos. [...]. (CLELAND, 2006, p.17).

Ludibriada pela elegante senhora, Fanny é levada até a residência da mesma e, uma vez lá, é mimada e preparada para que

⁸ A obra sadiana é considerada literária, política, filosófica, ao mesmo tempo em que é pornográfica. Não discorreremos sobre isso, pois as obras de Sade não são objeto de nosso estudo, mas citamos para esclarecer nossa exposição.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

venha servir na casa de prazer da madame que a avaliou. Por meio de uma relação lésbica, ordenada pela dona do bordel, se descobre que Fanny é virgem e, deste momento em diante, a garota é comercializada a peso de ouro. No entanto, com medo e desnorteada por causa das investidas do primeiro cliente que a quisera à força, Fanny aceita fugir com um jovem Charles, nobre, por quem, desde o primeiro momento em que o viu, apaixonou-se.

Na obra, desde o momento em que Fanny é posta para dentro do interior do bordel, tem início uma série de cenas que compõem o arcabouço da literatura libertina: defloração da virgem, relações sem prazer, relatos de entrada na prostituição, sadomasoquismo, entre outros. *Fanny Hill* é uma obra que busca, pela descrição exata dos detalhes, estimular o leitor para que prossiga na leitura, e é justamente nestas descrições que vemos as construções das imagens que compõem a pornografia⁹. Isso não quer dizer, no entanto, que as experiências vividas pela personagem sejam de ordem pornográfica, mas que, conforme Sontag (1957):

[...] só as imagens e as representações (estruturas da imaginação) o são. É esse o motivo por que um livro pornográfico com frequência pode fazer o

⁹ Ou seja, a sexualidade é representada de maneira obscena (Abreu, 1996, p.19)

leitor pensar, basicamente, em outros livros pornográficos, e não no sexo não mediado – e isso necessariamente em detrimento de sua excitação erótica. (SONTAG, 1957, p.59)

É indispensável que, neste momento, deixemos claro que o fato da obra ser, de fato, pornográfica não a desmerece ante a literatura¹⁰, pelo contrário, como bem frisamos a obra de Cleland (2006) é parte integrante da literatura inglesa, a despeito de qualquer ortodoxíssimo ou purismo de críticos literários que busquem desmerecê-la, bem como sua função de excitar o leitor não se difere, como aponta Sontag (1957), da ficção científica que procura desorientar e deslocar o leitor psiquicamente para o interior da trama.

Fanny Hill é desta forma, uma obra simbiótica, porque, de acordo com que expusemos ao mesmo tempo em que ela explicita cenas de teor sexual, de maneira que podemos classificá-la como pornográfica, também manifesta o desejo erótico de derrubar e ultrapassar as proibições de uma sociedade, cuja noção de moral¹¹ é

¹⁰ Tivemos a oportunidade de demonstrar isso em outros trabalhos: a pornografia é um dos ramos da literatura, cujo conceito engloba incontáveis gêneros discursivos (VENANCIO; RODRIGUEZ, 2015).

¹¹ Conforme Abreu (1996, p.26) moral diz respeito a “veículo de controles sociais, como expressão organizada dos ‘bons costumes’ como extrato ideológico de uso corrente para reprimir e ajustar os indivíduos”.



fundamentada por valores judaicos cristãos, apesar de contestados, o que nos permite denominá-la como erótica. Assim, como bem afirma Rodrigues:

Convém, por questões de hermenêutica, frisar que consideramos o erótico e o pornográfico como fenômenos que se imbricam, misturam-se e se confundem. A ligação é tão pujante que qualquer tentativa de separá-los está fadada ao fracasso. (RODRIGUES, 2015, p. 13-14)

Fanny Hill (1749) é uma obra erótico-pornográfica já que a sinestesia de seu texto, tão intenso quanto picante, permite que o leitor tenha a imaginação nítida das descrições das relações de ordem sexual que são descritas pela narradora-personagens. o livro traz, em seu teor, o que era obsceno, ou seja, trazia a cena o que, certamente, os nobres e burgueses preferiam manter em oculto, deste modo, tanto para o leitor da época quanto para o de hoje (marcado por cifras do cristianismo), ela se constitui pornográfica.

3. A adoção da imagem externa da prostituta

Chegamos ao ponto de nossa pesquisa de que se faz necessário compreender a construção da imagem externa da prostituta,

adotada por Fanny Hill, utilizando os pressupostos teóricos bakhtinianos. Desde o início deste trabalho temos feito isso, abordando os aspectos sócio-históricos concernentes à posição da mulher na Inglaterra do séc. XVIII bem como discorremos acerca das características da literatura libertina. De acordo com Bassermann (1968, p. 206), Fanny Hill, possivelmente, é a retomada da personagem biografada na sátira do político inglês John Wilkes (1725-1797), (re)aproveitada por Cleland quando a fama da atriz e prostituta Fanny Murray chegou a seu apogeu em 1749¹². Roberts (1998, p. 196), por sua vez, concebe a heroína de Cleland como quase um relato autobiográfico do próprio autor acerca de suas aventuras em bordéis famosos de sua época, mesmo que a história seja narrada de uma perspectiva feminina. Ambos concordam que Fanny se apresenta demasiadamente feliz e satisfeita com a vida libertina que leva o que a torna, praticamente, inverossímil do ponto vista da sorte de tantas outras mulheres que se entregaram ao meretrício.

Esta pequena exposição trouxe-nos algumas perguntas importantes: o que é uma personagem e qual a sua função ante a sociedade? Até que ponto seu autor interfere

¹² O próprio Bassermann (1968) reconhece que não é certeza de que Fanny Murray seja, de fato, a personagem autobiografada no romance libertino de Cleland, apesar de que há traços em ambas que coincidem.



na construção de sua imagem externa? Inquirições que buscaremos responder aqui no que concerne a narrativa em foco. Para tal, devemos explicar o que é a personagem: na Teoria Literária personagem é um dos elementos da narrativa que compõe a trama, podendo assumir, portanto, funções diversas no texto em que esteja engajada de maneira que, só podemos conceber personagem dentro da esfera onde ela se encontra, ou seja, o texto.¹³ Brait, explica a importância de nos guiarmos por este viés:

Ao encarar a personagem como *ser fictício, com forma própria de existir*, os autores situam a personagem dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados para apreendê-la (1985, p.51, grifo do autor).

Temos, dessa forma, mais um elemento que nos ajuda a construir o conceito ou validá-lo: personagem é um “ser fictício, com forma própria de existir”, que, como já declaramos, se desenvolve ou se desenrola dentro do texto. Conseguimos, no entanto, perceber, no início deste trabalho, que o contexto sócio-histórico em que a obra de

¹³ Não queremos, com esta definição, nos passarmos por puristas, somente para fins didáticos a adotamos, bem sabemos que tanto o termo *personagem* quanto *textos* dizem respeito não só ao que é escrito como também ao que é oral ou em diversos gêneros.

Cleland está inserida dialoga, perfeitamente, com a historicidade de vida da própria Fanny¹⁴ de maneira que notamos o predomínio de fatores sociais que influenciam na construção da mesma. Neste sentido, Fanny é, sem dúvida, um produto do meio, além de ser a criação de seu autor, não muito diferente da própria condição humana que movido (mas não inteiramente condicionado) pelas interdições culturais, comporta-se de acordo com que lhe é outorgado em termos de papéis funcionais. Por exemplo, conforme Silveira e Silva (2014, p. 135), em uma sociedade atual, porém com raízes patriarcais, “[...] a mulher é associada à libido, ao desejo do outro, sujeita àquilo que a sociedade espera dela e do imaginário construído sobre si.” Se esta assertiva pode se aplicar aos atuais dias, quanto mais no que se refere a uma sociedade setecentista quanto à Inglaterra iluminista do séc. XVIII, e, neste sentido, não é de se estranhar que o subtítulo *Memórias de uma mulher de prazer* esteja na capa do romance (Cleland, 2006), algo que, desde o primeiro momento, é notado, revelando ao leitor o que ele pode e deve esperar desta obra e de sua protagonista. Logo, não é tão inverossímil que a protagonista se mostre satisfeita com o que relata, porque:

¹⁴ Não só está inserida, o próprio Cleland é contemporâneo da idade de ouro dos bordéis e, inegavelmente, foi um boêmio inglês.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

[...] Como o espectador já assimilou todos esses traços em outras narrativas, identifica de imediato o herói e espera que a narrativa cumpra, assim como a personagem, *o seu conhecido destino*. Dessa forma, as surpresas ficam por conta da articulação das ações e do desempenho coerente da personagem em suas emocionantes aventuras [...] (BRAIT, 1985, p. 32-33, grifo nosso).

Já verificamos os aspectos concernentes à literatura libertina e, no que se refere ao romance, em particular, o leitor de *Fanny Hill* (2006), trazendo para o nosso trabalho, já está acostumado com as cifras da sexualidade que a obra demonstra: a verossimilhança interna de uma obra é a assimilação de outros respaldos fictícios tradicionais que creditam um caráter verossímil dentro da possibilidade em que se apresenta: Fanny é uma prostituta que se mostra alegre e satisfeita com o meretrício e não está "estragada", como pensariam os conservadores, pelos usos de seu corpo. Quanto ao autor, Bakhtin (2006, p. 4) esclarece que ele

[...] não encontra de imediato para a personagem uma visão não aleatória, sua resposta não se torna imediatamente produtiva e de princípio, e do tratamento axiológico desenvolve-se o todo da personagem [...] A luta por uma imagem definida da personagem é, em um grau considerável, uma luta dele consigo mesmo.

Ou seja, Fanny pode, sim, ter sido construída, entre outras coisas, a partir das aventuras de Cleland, mas não se reduz ao contexto de um sujeito organizador de narrativas a partir de uma individualidade fundante: conforme Bakhtin, após a obra ter sido acabada, ela deixa de ser do autor, passa a ser autônoma, ultrapassando, quiçá, até mesmo os objetivos de seu criador¹⁵.

Cabe destacar que a garota, aos 17 anos, estava desamparada no mundo, isto é, sem pais, sem dinheiro, sem marido, sem trabalho o que, numa sociedade que assimilava a economia burguesa, sem se desvencilhar, contudo, dos preceitos patriarcais, não poderia ser mais ameaçador. Facilmente convencida, deixou-se aliciar pela primeira cafetina que se apresentou, mas, tão logo tomou ciência de que era o suficientemente bonita externamente, utilizou isso a seu favor para ascender socialmente, saindo do meretrício ao concubinato e vice-versa, quando este último falhava, por falta de um homem que a mantivesse como no caso do Sr. Norbert, quando ela rememora em algum momento da narrativa que fazia três meses que vivia com

¹⁵ Na visão bakhtiniana, o autor é a energia ativa e formadora, oriunda de uma cultura significativa e estável. Sobre posicionamentos do autor em relação à sua obra, cabe destacar que também podem variar com o tempo, visto que o próprio Cleland abjurou sua obra devido a censura que sofreu por parte dos conservadores, a razão pelo qual foi preso.



aquele que havia pago com generosidade a ela (CLELAND, 2006).

De forma que ela adota a imagem externa de prostituta a partir das experiências que adquire no bordel perante uma sociedade que não lhe deu outro meio de vida para se sustentar bem como das próprias que, no percurso de cortesã, apreende anuindo, em situações a que se pretende extrair dinheiro de um provável amante, a conselho de matronas bem mais experientes neste negócio.

Mas, o que Fanny, apesar de toda a satisfação que demonstrava, não admitia era a falta que sentia do primeiro amante que, verdadeiramente, a havia amado e de quem foi separada pelas maldades do pai do rapaz que o desprezava sem razão plausível. Para fins redentores, a protagonista enriquece ao se tornar concubina de um senhor de idade avançada, que morre devido a uma pneumonia e, já perto do final do livro, ela reencontra Charles, o verdadeiro amor, e decide se casar com ele e constituir uma família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste artigo, à luz de uma abordagem sócio-histórica compreender a construção ideológica da imagem externa da figura da prostituta adotada pela heroína do romance *Fanny Hill*, escrito pelo inglês John

Cleland em 1749. Para isso, num primeiro momento, expusemos a posição da mulher ante a sociedade londrina setecentista, durante o Iluminismo, e, com isso, verificamos que, mesmo a burguesia buscando uma oposição da aristocracia, ainda assim conservava os preceitos patriarcais e, dessa forma, a mulher permaneceu na mesma condição de subordinação ao masculino, tendo pensadores como Rousseau que, de acordo com Roberts (1998), encontrassem nela uma função que se constituiu no horizonte sócio-econômico-político-histórico-ideológico da mulher pré-estabelecido no paradigma social vigente, ou seja, procriar e criar. Em face destas questões tão específicas acerca do feminino que lugar cabia à prostituta? Constatamos numa primeira dimensão que a mulher venal, tinha, neste período, uma posição de destaque perante a aristocracia que, no séc. XVIII pagou caro pelos seus serviços sexuais, cuja disponibilidade era bastante significativa em termos de números e especializações, ou seja, diferentes formas de relações sexuais que variavam desde as heteronormativas ao sadomasoquismo puro. Foi neste período de grande procura que os bordéis floresceram como em nenhum outro momento da história inglesa.

No segundo momento, buscamos entender alguns conceitos que versam sobre a literatura libertina, da qual, a narrativa em



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

foco é, invariavelmente, uma integrante de grande relevância. Aproveitando a oportunidade, diferenciamos a pornografia do erotismo uma vez que ambos estão visíveis nas oscilações de *Fanny Hill* em que a primeira se pode apreender no que diz respeito à representação das relações sexuais explícitas e obscenas enquanto que o segundo busca transgredir, conforme os pressupostos teóricos de Bataille, os interditos preestabelecidos em uma sociedade cristianizada, mesmo contestada pelas ideias iluministas (a título de nota, neste período, a literatura libertina cresceu consideravelmente), o que, confirmamos, não diminui ou sequer anula o valor literário da obra e seu retrato social da cortesã inglesa.

Por fim, num terceiro momento, buscamos, já com estas informações previamente transmitidas, compreender quem e o que era a heroína de Cleland (2006), abordando sua trajetória que, de acordo com o exposto, não estava repleta de escolha como os conservadores da época podiam pensar. Na oportunidade, com as considerações teóricas de Brait (1985) e Bakhtin (2011), definimos o que é personagem bem como sua relação intrínseca com o autor. Conseguimos compreender que Fanny movida não só pela condição social, mas também pelos discursos que se dirigiram à sua própria imagem externa e ela adotou esta visão e assim se retratou nas

memórias utilizando essas imagens a seu favor para obter dinheiro e ascensão social.

Não acreditamos que este trabalho seja definitivo no âmbito da pesquisa acadêmica, pelo contrário, reconhecemos que outros virão, não só para retomar a temática, mas para completá-lo naquilo que, de nossa posição, não fomos capazes de perceber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, Nuno C. Especulações: ver o que dizem. In: **O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem. In: **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BASSERMANN, Lujo. **História da prostituição: uma interpretação cultural**. Tradução: Rubens Stuckenbruck. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CLELAND, John. **Fanny Hill ou memórias de uma mulher de prazer**. Tradução: Eduardo Francisco Alves. Porto Alegre: L&M, 2006.
- GARTON, Stephen. **História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual**. Lisboa: Editora Estampa, 2009.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução: Magda Lopes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- RODRIGUES, Hermano de F. Com tabu é mais gostoso. **Grandes Temas do Conhecimento: Psicologia**. n.6. p. 10-16, 2015.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emilio ou da educação**. Tradução: Sérgio Milliet. Editora Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1995.

SILVEIRA, Éderson L.; SILVA, Francisco V. da. O corpo em (des)ordem: entre a falta e o absurdo. **Revista Entrelinhas**. Vol.8, n.2, p. 131-144, 2014.

SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In: SONTAG, Susan. **A**

vontade radical: estilos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VENANCIO, Rafael; RODRIGUES, Hermano de F. O doce veneno da prostituição. **Milba**: textos completos (Anais). Recife: EDUFRPE, 2015. p.261-272, 2015.

